

Referiu-se a «the policy involved in the Monroe doctrine.» Essa policy involved, não ha mister dizel-o, é a mesma que, durante a questão da Venezuela, na discussão com Lord Salisbury, definiu o secretario Olney.

Para elle, «os Estados Unidos são hoje soberanos (paramont) neste continente e seu fiat é lei nas questões ás quaes confina sua interposição.»

Deante disso e das recentes declarações do sr. Lodge que sem ambages proclamou que a alludida doutrina «foi apregoada sem intuitos altruisticos, mas exclusivamente para protecção dos Estados Unidos,» fica-se pasmo ao ver que entre nós ainda exista quem nutra illusões a respeito daquella utopia. A figura de destaque que resalta no torvelinho dos estadistas yankees, uma das poucas que entre elles possuiu a comprehensão rasoavel da mesma doutrina, Wilson, tem sido perseguida e humilhada pelos politicos de todos os partidos, Lodge á frente.

A politica que o Brasil tem de seguir com relação aos Estados Unidos, deve ser outra. De duas, uma, ou perderemos para sempre a condição de estado soberano ou, de accordo com as tradicções de povo livre, repellimos com dignidade e altivez os engodos com que nos procuram attrahir os amigos do Norte.

Cumpra, pois, que o Brasil escolha entre a independencia e a tutela o que melhor lhe convier. Se nos decidimos pela primeira, não será porém com essa nossa habitual politica de submissão ao Tio Sam, que a conservaremos.

Deve ter-se sempre em vista que a doutrina de Monroe muito se assemelha áquella dama que inspirou a Maciel Monteiro os celebres versos:

Quem póde ver-te sem querer amar-te?
Quem póde amar-te sem morrer de amores?

Sergio Buarque de Hollanda.

São Paulo, 30 — 6 — 920.

NÃO é exagero afirmar que a grande maioria de nossos patricios se avejou a considerar a convenção, a que é habito chamar doutrina de Monroe, como uma panacéa destinada a deitar por terra todas as tentativas de colonisação que porventura hajam por bem emprenhender, no Novo Mundo, as potencias europeas.

Estou, e comigo, aposto, muita gente boa, que nem a doutrina de Monroe é a panacéa que se entolha a muitos, nem é tanto para temer o expansionismo das nações de ultramar, quanto o da mesma que neste continente, tem sido até hoje a mais interessada na sobrevivida doutrina.

E' facil demonstrar a incongencia da formula de Holk, deduzida da declaração de Monroe em sua mensagem de 1823, formula em cuja interpretação ha evidente ambiguidade. A America para os Americanos, dizem os luigos e deontiva repetem os Paugloss da America Latina sem reflectirem na dualidade de modos por que podem ser interpretadas essas palavras. Certo, não é a mais vantajosa para nós a interpretação que lhe dão os norte americanos. Assim a explica o Marquez de Banal Mont-Serrat:

«As asserções de Monroe, foram synthetisando-se nesse adagio popular!

A America aos Americanos.

E' verdade que os chefes do governo de Washington acrescentavam em voz baixa: aos Americanos, mas aos Americanos dos Estados Unidos».

Assim, no tempo em que isso escrevia o marquez, hoje, não existem mais desses escrupulos. E' já em voz alta e á larga, que os chefes de estado, os ministros, os legisladores, os politicos de toda casta, os publicistas, os professores os letrados, emfim todos os que na republica anglo-saxonia gosam algum prestigio ou exercem certa influencia, proclamam convictos, nossa condição de submissos aos Estados Unidos.

Se fosse necessario invocar o testemunho de um conhecedor perfeito do povo norte-americano para demonstrar que a idéa de que devemos ficar sujeitos ao paiz não é patrimonio apenas de certas facções politicas porem da maior parte da população dos Estados Unidos, bastaria o do sr. Benjamin Ridd para

quem, «a necessidade do predomínio futuro dos povos de lingua ingleza sobre o continente americano é já uma especie de instincto nacional.» E é preciso fixar bem que essa opinião não é uma novidade ou que o imperialismo, como parecem crêr alguns na America Latina e na Europa, se pasmo ao ver que entre nós ainda exista quem nutra illusões a respeito daquella utopia. A figura de destaque que resalta no torvelinho dos estadistas yankees, uma das poucas que entre elles possuiu a comprehensão rasoavel da mesma doutrina, Wilson, tem sido perseguida e humilhada pelos politicos de todos os partidos, Lodge á frente.

Quem se propuzesse estudar todas as causas ao actual movimento expansionista que se opera na grande republica, chegaria á conclusão de que já seus primeiros colonisadores não tinham outro aneio que o de na nova patria, exercer sua religião livres das ganas da metropole desenvolvendo assim o «instinct of sovereignty» de que fala Maudeville.

A independencia é natural, deu novas forças a esse instincto de modo que explanando-se gradativamente se transformasse no actual jingoismo cuja psychologia tão bem traçou o sr. E. Bontmy em seu notavel estudo sobre o povo norte-americano. A soi disant doutrina de Monroe foi um factor somenos. se tanto, na evolução do imperialismo yankee. Muito antes de ser ella enunciada já a joven republica, avida de maior grandeza, adquirira a Luiziana. Serviu, quando muito para encobrir os esgares e sorrisos de desdem com que Tio Sam sóe encarar as questões americano latinas. Foi, principalmente, uma mascara as suas ambições.

Stead, o celebre W. T. Stead, em seu notavel livro, *A Americanisação do Mundo*, escorça a sua opinião e a da maioria de seus conterraneos a respeito da mesma doutrina. Para elle esta não comporta mais a interpretação que lhe querem dar os idealistas das duas Americas.

«Essa doutrina», diz elle, «em nome da qual Tio San pretende possuir todo o territorio do sul do Rio Grande (sic) é puramente negativa. Ella diz simplesmente aos estados europeus: Tu não annexarás. Mas para ahi.

Ha ainda pouco tempo, no Senado norte-americano, o sr. Knox, ex-secretario de Estado, fez uso de uma expressão que «contem o verdadeiro pensamento dos representantes republicanos do monroismo

ty» de que fala Maudeville.
A independencia é natural, deu novas forças a esse instincto de modo que explanando-se gradativamente se transformasse no actual jingoismo cuja psychologia tão bem traçou o sr. E. Bontmy em seu notavel estudo sobre o povo norte-americano. A soi disant doutrina de Monroe foi um factor somenos. se tanto, na evolução do imperialismo yankee. Muito antes de ser ella enunciada já a joven republica, avida de maior grandeza, adquirira a Luiziana. Serviu, quando muito para encobrir os esgares e sorrisos de desdem com que Tio Sam sóe encarar as questões americano latinas. Foi, principalmente, uma mascara as suas ambições.
Stead, o celebre W. T. Stead, em seu notavel livro, *A Americanisação do Mundo*, escorça a sua opinião e a da maioria de seus conterraneos a respeito da mesma doutrina. Para elle esta não comporta mais a interpretação que lhe querem dar os idealistas das duas Americas.
«Essa doutrina», diz elle, «em nome da qual Tio San pretende possuir todo o territorio do sul do Rio Grande (sic) é puramente negativa. Ella diz simplesmente aos estados europeus: Tu não annexarás. Mas para ahi.
Ha ainda pouco tempo, no Senado norte-americano, o sr. Knox, ex-secretario de Estado, fez uso de uma expressão que «contem o verdadeiro pensamento dos representantes republicanos do monroismo

(1) J. Lopez — De «La Reforma Social» — Junho, 1919.